

## EDITORIAL

Está no ar a *edição 22* da *Contracampo*. Este número apresenta, em sua seção *Ensaaios Temáticos*, análises em torno do tema **Excesso e emoção na cultura midiática**. Partimos do pressuposto de que a noção de excesso implica o reconhecimento de uma matriz cultural vinculada à cultura popular e massiva; matriz essa que se articula e rearticula afetando campos distintos e igualmente importantes da cultura midiática contemporânea: o sensacionalismo, as narrativas de gênero que se estruturam a partir da condução da emoção ou os discursos que afirmam as ligações entre o universo sentimental e o espetacular. Na chamada encaminhada foram sugeridos alguns questionamentos que poderiam balizar as reflexões, tais como: Seria a noção de excesso pertinente para a condução da emoção na esfera da cultura midiática? Que estratégias, efeitos e implicações (éticas, estéticas, políticas) são colocadas em cena nos distintos discursos da cultura da mídia que se vinculam como convite ao emotivo e/ou representam a emoção? Instigados pela proposta, recebemos as contribuições de diversos autores, alguns aqui publicados.

O texto de Denilson Lopes propõe análise da obra de Yazujiro Ozu contraposta à tradição melodramática hegemônica hollywoodiana, partindo do conceito do “neutro”. A seguir Carlos Mendonça e Angie Biondi refletem sobre a retórica do sofrimento no fotojornalismo contemporâneo e como tal retórica funciona enquanto regime de visibilidade. Partindo da obra da autora inglesa Elinor Glyn, e sua recepção no Brasil, Roberta Andrade e Erotilde Silva examinam a retórica do excesso nas interrelações entre literatura sentimental e extravagância emotiva. Por sua vez, Danusa Depes Portas nos convida “à reflexão sobre as relações que travamos com o tempo e no tempo que chamamos de nosso”, valendo-se do estudo analítico das séries fotográficas da artista visual Cindy Sherman. Os textos de Márcia Franz Amaral, *O enquadramento nas catástrofes*, e Mágda Rodrigues da Cunha, *Tragédia e emoção...*, examinam, sob diferentes perspectivas, o resgate dos 33 mineiros acontecida no Chile, em outubro de 2010. Márcia o faz com o desejo de caracterizar os enquadramentos jornalísticos na cobertura de acontecimentos como as catástrofes e localizar matrizes culturais que os inspiram. Mágda resgata a questão do ponto de vista da exposição dada pela mídia a esse acontecimento e na dimensão baseada na emoção que suscitou, e se pergunta: seria uma tragédia contemporânea perfeita? Já Milena de Oliveira-Cruz, em *Suicídio como*

*pauta popular...*, partindo da perspectiva da construção do suicídio enquanto um tabu, analisa a cobertura de casos de suicídio na imprensa do estado do Amapá, associando esta narrativa aos conceitos de popular e de sensacionalismo.

A presente edição é completada por mais sete ensaios com temáticas diversas, que giram em torno de questões pertinentes ao campo da comunicação contemporânea, tais como análise de práticas jornalísticas e obras cinematográficas, culturas policêntricas, periferia e fóruns de discussão on line e seus possíveis potenciais democráticos.

Boa leitura a todos..

Marildo José Nercolini – Editor-chefe.